



Por que investir em educação midiática

Com tanta informação à disposição hoje nas redes sociais, misturada a muitas fake news, a educação midiática se torna uma ferramenta fundamental para empresas e colaboradores. A capacidade de filtrar notícias e identificar fake news amplia a resiliência e o senso crítico dos funcionários. Também contribui para um ambiente de trabalho informado, seguro e consciente, combatendo a desinformação, reforçando a integridade informativa e fortalecendo a cultura organizacional das companhias, afirma o gerente de TI do CIEE-RS, Cleyton Limberger.

“No ambiente corporativo, é fundamental que as empresas desempenhem um papel ativo na promoção de práticas e ações que fomentem essa disciplina entre seus colaboradores”, afirma Cleyton. O gerente recomenda a adoção de tecnologias e inteligência artificial para avaliação de conteúdo, análise de sentimento, mineração de opinião, verificação de fatos e fontes automatizadas, monitoramento de redes sociais, entre outros. E também soluções de segurança da informação, como filtragem de conteúdo, firewall e bloqueio a sites maliciosos que podem hospedar conteúdo enganoso.

Desconfiar de ofertas irresistíveis na internet, fugir de chamadas apelativas e sensacionalistas, buscar confirmar a informação em outras fontes (de preferência, oficiais) e questionar o que você mais acredita ou deseja que seja verdade são algumas dicas da jornalista Taís Seibt para navegar com segurança nas mídias.

“Ao adotar essas práticas e ferramentas, as empresas estarão capacitando seus funcionários a navegar de maneira mais segura, promovendo uma cultura de discernimento e responsabilidade informacional, além de fortalecer a proteção do ambiente por meio de boas práticas de segurança da informação”, salienta Cleyton.

Jornalista e pesquisadora do Instituto de Cultura Digital da Unisinos, Taís Seibt defende que as empresas devem levar em conta que a ampla circulação de conteúdos enganosos pode comprometer a credibilidade de um negócio. “É muito fácil uma informação mal colocada deixar sua marca na vitrine de forma negativa ou ser ‘cancelada’, e é bem difícil reverter essa crise de reputação, que pode levar também à perda de receita”, alerta.

A educação midiática, no fim das contas, é sobre ética, destaca Taís, e a postura no ambiente digital deve estar prevista nesse escopo. “No geral, as empresas investem em treinamentos internos sobre diversos temas, por que não inserir este assunto? Eu acredito muito no potencial das empresas como espaços de educação midiática”, conclui a jornalista,

Confira dicas para evitar fake news e ciladas virtuais no site postarounao.com.br

Acesse nossa plataforma:
cieers.org.br/conjuntos



Macroeconomia

Os renomados economistas Daron Acemoglu e James A. Robinson fazem um levantamento das formas que a relação entre sociedade e Estado podem tomar a partir de uma base elementar: a liberdade — ou a ausência dela.

No centro de sua teoria, explicam que a liberdade só é mantida por meio de um embate constante entre a população e quem a governa. Se um Estado forte é necessário para conter a violência, impor a ordem, fomentar a prosperidade econômica e oferecer meios para que a população possa seguir os caminhos que escolher, é igualmente importante uma sociedade forte e mobilizada para controlar e limitar os excessos do poder estatal.

A liberdade é rara: no jogo de poder que a estabelece, a vontade individual encontra seu limite no outro, e os dois lados precisam ter forças equivalentes para que floresça. Há, porém, exemplos na história em que a tensão dá espaço ao diálogo, e o que antes era um campo de batalha se torna um corredor estreito que tanto a sociedade quanto o Estado podem trilhar em sua cooperação para pavimentá-lo.

Em tempos de incertezas e instabilidade — em que O Corredor Estreito da liberdade corre o risco de se tornar um atalho para a ruína —, a genialidade de Acemoglu e Robinson constrói neste livro os caminhos pelos quais sociedade e Estado podem colaborar para o desenvolvimento mútuo.

O corredor estreito: Estados, sociedades e o destino da liberdade; Daron Acemoglu e James A. Robinson; Intrínseca; 800 páginas; R\$ 139,90; disponível em versão digital



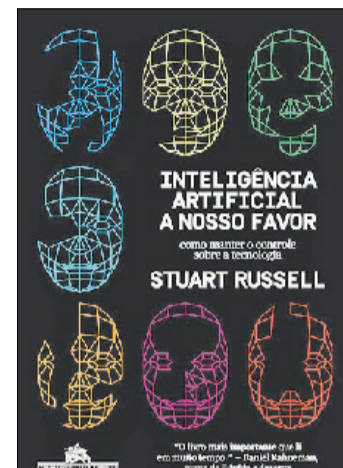
Trabalho

A ideia de meritocracia pode parecer o modelo mais justo para substituir a aristocracia, que reserva riqueza e prestígio sempre para os mesmos escolhidos, por meio de herança. Hoje, porém, em sociedades tão marcadas por desigualdades — inclusive de raça e gênero —, como é o caso do Brasil, o conceito tem sido muito questionado.

Daniel Markovits — professor de direito da Yale — analisa a fundo a sociedade norte-americana e destrincha como a meritocracia, no fim das contas, é prejudicial tanto para a elite quanto para a classe média e os pobres. Isso porque, hoje, ela se transformou no que foi concebida para combater: um mecanismo de concentração e transmissão dinástica de riqueza e privilégios. A mobilidade para ascender socialmente tornou-se uma fantasia, e a classe média está mais propensa a afundar na pobreza do proletariado do que a se tornar parte da elite profissional.

E, além de criar um cenário que acirra a luta de classes, esse sistema ainda abre espaço para o surgimento de lideranças populistas, que crescem insuflando o ressentimento de uma grande parcela da sociedade. A Cilada da Meritocracia não apenas revela os mecanismos dessa engrenagem, como também demonstra quais seriam os primeiros passos que poderiam nos levar em direção a um mundo novo, mais capaz de proporcionar dignidade e prosperidade às pessoas.

A Cilada da Meritocracia: Como um mito fundamental da sociedade alimenta a desigualdade, destrói a classe média e consome a elite; Daniel Markovits; Intrínseca; 528 páginas; R\$ 99,90; disponível em versão digital.



Tecnologia

Escrito pelo mais importante estudioso do assunto, Inteligência Artificial A Nosso Favor é um trabalho fundamental para compreender a relação entre homens e máquinas — e evitar que nos tornemos reféns de nossas próprias criações.

Os humanos sempre quiseram desenvolver robôs superinteligentes, capazes de aprimorar os mais diferentes aspectos da vida. Mas o que acontecerá se isso se tornar realidade? Neste livro, Stuart Russell expõe as ameaças e os perigos da tecnologia para a sociedade, e a necessidade de mudar esse cenário enquanto ainda há tempo.

Desde o funcionamento da Inteligência Artificial até suas possibilidades e limitações, o físico e cientista da computação examina de que forma podemos repensar essas ferramentas e coexistir com máquinas cada vez mais autônomas, a fim de garantir que elas trabalhem de acordo com os nossos objetivos. O resultado é uma obra indispensável para entender um futuro que está chegando antes do previsto.

O autor Stuart Russell é graduado pela Universidade de Oxford e doutor pela Universidade Stanford. Professor na Universidade da Califórnia em Berkeley, foi vice-presidente do Conselho de IA e Robótica do Fórum Econômico Mundial e atuou como consultor da ONU para o controle de armas. Com Peter Norvig, escreveu Inteligência artificial, principal referência acadêmica no assunto.

Inteligência artificial a nosso favor: Como manter o controle sobre a tecnologia; Stuart Russell; Companhia das Letras; 336 páginas; R\$ 104,90; disponível em versão digital.